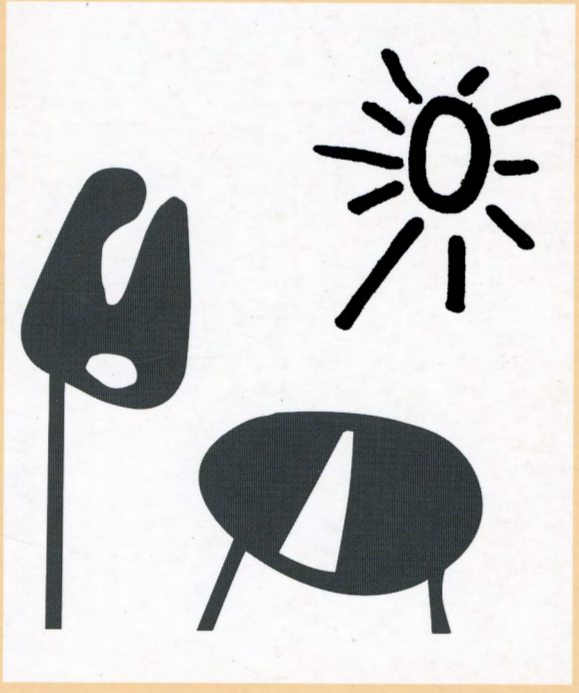
JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I



BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

ULFL017 00075
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

TEATRO COMPLETO

DE

JAIME SALAZAR SAMPAIO

OS PREÇOS

OS PREÇOS

PERSONAGENS

MALUCO

MÉDICO

CLIENTE

EMPREGADA DO CONSULTÓRIO

TRÉS MENINAS

NAPOLEÃO

BRUXA

MINISTRO

MARIAZINHA

MESTRE-DE-CERIMÓNIAS

DOIS «GORILAS»

DOIS JORNALISTAS

GUARDIÃO

CORREDOR

CORREDORA

ANCIÃO

DOIS VAGABUNDOS

MANUELZINHO

MÃE

AMIGA

DOIS PATRÕES

DUAS OPERÁRIAS

OPERÁRIO

CAIXA

DOIS JOGADORES DE GOLFE

CENA 1

O cenário é constituído por um grande estrado sobre o qual se encontram espalhados elementos de «legos» que servem para compor as diversas cenas. Ao fundo do «estrado» há um «pequeno palco» cuja cortina, de início, se encontra corrida.

Escuro. Correria. Apitos. Luz. Chega ao «estrado», a correr, um homem de fato cinzento e camisola de gola alta, da mesma cor. É o Maluco. Traz ao pescoço, amarrado por um atacador, um apito.

MALUCO *(agitado, olhando em volta)* — Eles não passaram por aqui?... Eu ando atrás deles. São dois. Um é baixo e forte... E o outro... Não os viram?... O outro é forte. *(Pausa.)* E baixo. *(Pausa. Levemente zangado.)* Não viram ou não querem dizer? *(Tom calmo, tom mundano.)* Permitam que me apresente. *(Ligeira reverência.)* Antunes. *(Reverência, desta vez até abaixo.)* Ah Ah Antunes. *(Curta pausa.)* Maluco. *(Faz o gesto clássico, ponto o dedo na testa. Tom paciente.)* Chalupa, choné, como quiserem... O vocabulário fica ao vosso gosto. *(Parecendo ouvir alguém falar entre o público.)* Macaquinhos no sotão?... Bruxo! *(Entram figurantes sugerindo macacos. Trepam por elementos do Cenário. Fazem macaquices.)* Estou ou sou... enfim... tornei-me: ma-lu-co. *(Apita com força. Corre. Volta ao mesmo sítio.)* Um deles é... *(Indica por gestos: gordo e baixo.)* São dois!... E o outro... *(Repete a gesticulação, mas em ordem inversa.)* Vestem batas brancas... E por baixo das batas... *(Pausa. Reflectindo profundamente.)* É verdade, por baixo das batas... *(Encolhe os ombros, despreocupado.)* Sou maluco, não sou costureiro, quero lá saber... *(Apita.)* Ma-lu-co. *(Apita de novo. Corre. Volta ao mesmo sítio. Vai apitar de novo mas suspende-se. Olha o apito como se nunca o tivesse visto.)* Olha: um apito... Tem piada. *(Ri, forçado.)* E funciona. *(Apita.)* Funciona, funciona. *(Marcha e apita, ao ritmo da marcha. Pára, desanimado.)* O pior é que ninguém acredita. *(Arranca o apito do pescoço. Olha-o, na palma da mão.)* Se és maluco, mostra lá o atestado. *(Fechando e abrindo a mão que tem o apito, sempre a olhar para ele.)* Ninguém mo passa. *(Pausa.)* A começar pelos médicos... *(Tira do bolso uma agenda de formato mediano.)* Ah, mas o que vale é que eu assento tudo... Quase tudo... *(Batendo na capa da agenda com a mão espalmada.)* No meu diário. *(Folheando a agenda.)* Na 4.ª-feira passada... perdão, na 3.ª fui ao médico... *(Pausa longa.)* E sabem o que me aconteceu? *(Apita, baixinho. Olha o apito, absorto.)* É verdade que ainda não tinha arranjado o apito... *(Remexendo num bolso e logo noutro para tirar deste último um segundo apito. Um apito em cada mão, sopesando-os.)* Os apitos. Os dois apitos... *(Guarda-os. Tom narrativo.)* Foi na terça-feira da semana passada: o céu estava limpo, a temperatura moderada e um quilo de bife custava naquela época... *(Consultando a agenda.)* Tche!... Como o tempo passa! *(Cruza o estrado.)* À primeira vista

aquele consultório parecia um consultório como todos os outros... No entanto... observando melhor... *(Cheira, ostensivamente, à sua volta. Apontando para o pequeno palco e abanando a cabeça.)* Havia ali qualquer coisa de... A começar pelo médico. *(Sai, a grandes passadas.)*

CENA 2

(NUM CONSULTÓRIO MÉDICO)

(Abre-se a cortina do «pequeno palco» e vê-se um consultório: Secretária do médico, marquesa, cadeira para o cliente, armário. Janela fingida à direita, porta ao fundo. Na parede do fundo, diplomas pendurados. Em cena, Médico e Cliente Espalhafatosa. Esta última, verdadeira catatua, de idade indefinida, usa cores berrantes, raposa enrolada ao pescoço, sombrinha colorida, etc. Tem a receita na mão e, embora o Médico se queira ver livre dela, pretende prolongar a consulta, fazendo perguntas.)

MÉDICO *(enfadado)* — Sim, minha senhora: três vezes por dia... *(Procura ver-se livre de Cliente.)*

CLIENTE *(a pé firme, exibindo a receita)* — E é preciso mastigar, Senhor Doutor?

MÉDICO — Não, minha senhora. *(Mesmo jogo.)* Não!

CLIENTE — Basta engolir, então, Senhor Doutor... Com um copo de água?

MÉDICO *(contendo-se a custo)* — Não mastigue, minha senhora, não engula. *(Apontando a receita.)* Leia! *(Cliente pretende falar. Médico impede-a.)* Com certeza, minha senhora. *(Empurrando-a descaradamente para a saída.)* De nada, minha senhora... Adeus... *(Consegue pô-la na rua. Volta à secretária, exausto. Senta-se, levando as mãos à cabeça e gemendo.)* Ai a minha cabeça! *(Cliente, após uma falsa saída, volta à carga, novamente de receita na mão.)*

CLIENTE *(aproximando-se do Médico)* — Então o que é que eu faço? *(Poisa a sombrinha no tampo da secretária. Médico, de mãos na cabeça, continuando a gemer baixinho, não dá por ela.)* Senhor Doutor: Como é que eu tomo isto?

MÉDICO *(levantando a cabeça, com verdadeiro desgosto)* — Oh! Não mastiga, não engole, não toma, minha senhora! *(Tira a receita das mãos da Cliente.)* Está tudo aqui na receita... *(Restitui a receita à Cliente, procura sorrir, com muito esforço; controlando a voz.)* Com certeza, minha senhora. De nada, minha senhora... Adeus. *(Cliente, depois de muito instada, acaba por sair. Médico desta vez não se limita a acompanhá-la à porta, espreitando até ter a certeza de que ela saiu. Regressa então à secretária, senta-se, pega numa faca de cortar papel e espeta-a repetidas vezes no mata-borrão, enquanto fala para si próprio.)*

MÉDICO *(ao ritmo das facadas no mata-borrão)* — Estafermo! Velha tonta! Catatua!... Não mastiga, sua estúpida, não engole, não toma... Três supositórios por dia, três!... *(Dando literalmente cabo do mata-borrão.)* Sim, minha senhora. Não, minha senhora. Com certeza, minha senhora... *(Atirando fora o que resta do mata-borrão.)* No olho do cu... *(Com raiva fria.)* Obviamente com o dedo, empurra-os, enfia-os... no olho do cu... *(Larga a faca de papel. Leva as mãos à cabeça.)* Ai a minha cabeça! *(Tira os óculos; retira o «sonotone»)* Não ver... não ouvir... não falar... Eis a felicidade!... *(Embala-se um momento ao sabor desta ideia. Levanta-se; tropeça, equilibra-se; vai até junto do armário. Tira uma chave de um bolso recôndito e abre com ela uma gaveta. Retira de lá uma peça de vestuário, muito bem dobrada. Olha-a, apaixonadamente. Desdobra-a e prova-a: é uma camisa de forças.)* Poder finalmente vesti-la... Numa casa muito grande, junto ao mar... *(Entretanto a Empregada do consultório assomou à porta, sem ser aliás notada pelo Médico. Empregada fica um momento junto à porta, abana a cabeça; volta a sair, silenciosamente.)*

MÉDICO *(afastando de si, com grande pena, a camisa de forças e voltando a dobrá-la)* — Mas não, é claro... É ainda um bocadinho cedo. *(Suspirando.)* Mais lá para o fim da vida. Prà reforma... *(Repõe a camisa de forças no armário, guarda a chave. Senta-se. Põe o «sonotone». Suspira. Endireita-se na cadeira.)*

MÉDICO *(num berro)* — Enfermeira! *(Leva as mãos aos ouvidos. Fala agora baixinho.)* Ai a minha cabeça... Enfermeira!

(Empregada do consultório aparece, poucos segundos depois. É a mesma que assomara há pouco. Usa bata branca e touca imaculada. Vem a fazer tricot, *eficientemente.)*

EMPREGADA — Sim, Senhor Doutor...

MÉDICO — Dê-me um copo, faz favor... Um... *(Tapa a cabeça com as mãos, gemendo baixinho. Empregada, quase sem deixar de tricotar, vai buscar uma garrafa de* whisky *e um copo; enche o copo e apresenta-o ao Médico.)*

MÉDICO — *Whisky* não, menina... *(Emborca o copo, de um trago.)* Um copo de água... *(Empregada vai buscar-lho.)*

MÉDICO *(depois de beber, à pressa, um segundo* whisky *puro. Tom teatral, estendendo à Empregada o copo vazio)* — Apenas um copo de água...

(Empregada volta com o copo de água, troca-o pelo copo vazio que o Médico lhe estende e retoma o seu tricot, *imperturbável. Médico fica um momento com o copo de água na mão. Não bebe. Pausa.)*

MÉDICO *(pousando o copo de água)* — Dê-me daí também um desses comprimidos.

EMPREGADA — De quais, Senhor Doutor?

MÉDICO — ... O que fizer menos mal ao estômago...

EMPREGADA *(solícita, lembrando marcas)* — Aspirina? Saridon? Saridina? Aspidon?

MÉDICO — Escolha, escolha...

EMPREGADA — Mas o Senhor Doutor é que sabe... *(Repete a frase, papagueando.)*

MÉDICO *(empertigando-se)* — Pois é. Eu é que sei. Sou o Médico. *(Vai até junto de um diploma pendurado na parede e recita um fragmento do juramento de Hipócrates.)*

MÉDICO *(para si próprio)* — Íamos salvar o Mundo... o País... o bairro... Éramos novos, generosos... Trouxas. *(Volta a sentar-se.)* Ai a minha cabeça! *(Reparando na Empregada que tricota placidamente.)* Ainda aí está?

EMPREGADA — O Senhor Doutor pediu um comprimido... *(Entregando-lhe, bruscamente, várias embalagens que se encontravam espalhadas por toda a parte.)* Tem aqui destes... E destes... Destes... E mais destes...

MÉDICO *(hesitando, de novo de copo de água na mão)* — Acha que é prudente... no meio da digestão?

EMPREGADA — Não sei, Senhor Doutor... O Senhor Doutor é que sabe. *(Repete a última frase.)*

MÉDICO — Eu é que sei. Pois é. *(Abatido.)* Eu é que sei. *(Largando o copo de água sem ter escolhido qualquer embalagem de comprimidos.)* Mande entrar outro. *(Tom interesseiro.)* Ainda estão lá muitos?

EMPREGADA — Por hoje é o último... *(Consultando o relógio.)* Felizmente... *(Prepara-se para sair.)*

MÉDICO — Só um? Só mais um?... *(Apontando, com terror, para o guarda-chuva esquecido pela Cliente.)* Não me diga que é outra catatua!

EMPREGADA — Não, Senhor Doutor. É um homem, um senhor...

MÉDICO *(mais calmo)* — Antes isso... *(Leva a mão à cabeça dorida. Tom preocupado.)* E quem é?... Quem é ele, menina?

EMPREGADA — Não sei, Senhor Doutor... *(Ligeira pausa.)* É a primeira vez...

MÉDICO *(com unção)* — Uma primeira consulta!... *(Decidido.)* Avante! Mande-o entrar! *(Abre uma agenda. Escreve. Empregada sai, voltando, passados instantes, com o Cliente, que é o nosso Maluco. Maluco fica de pé, a uma certa distância do Médico.)*